A ESTRUTURA SOCIAL CAPITALISTA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS NAS ESCOLAS PARTICULARES.

SOLANGE ALVES SOUZA

RESUMO

Na sociedade vive-se uma diferença social gigantesca e essa diferença se reflete também na educação. Se for comparar o que uma criança aprende em uma escola particular com relação a uma escola pública é bem diferente. Na escola privada se cobra bem mais do aluno e do professor, no entanto na rede pública não é bem assim. Nas escolas privadas os pais ou responsáveis pagam caro pelos estudos e a cobrança por um ensino de qualidade que, propicie maiores chances de sucesso para os filhos ficam bem evidentes. Uma outra questão destas classes sociais mais abastadas procurarem escolas caras e renomadas, são também por motivo de "status", querem mostrar que conseguem pagar o que de melhor o dinheiro tem para oferecer. Com os privilégios destas referidas classes e as melhores condições para conseguirem sucesso na esfera social, acredita-se que o fator primordial é estar monopolizando o poder social e dando continuidade para que suas futuras gerações continuem a perpetuar seus poderes. O capitalismo que rege nossa sociedade se inicia nos berços daqueles cujo às condições sociais são mais privilegiadas, se aperfeiçoam em nossas escolas e se consolidam no mercado de trabalho. Todos acabam sendo vistos pelos bens que possuem, locais que frequentam, pelo seu "status" social e não mais pelo que são, suas capacidades ou habilidades são totalmente ignoradas. Os seres humanos passam a serem vistos como objetos(coisas), e o que é pior, com uma etiqueta de preço colada junto ao seu corpo.

Palavras-Chave: Escola, Capitalismo, Classes Sociais, Sociedade, Educação, Sucesso

INTRODUÇÃO:

O artigo apresentado tem como objetivo chamar a atenção sobre a sociedade capitalista e seus reflexos na educação escolar. Torna-se necessário uma compreensão da sociedade em que vivemos, suas estruturas sociais, suas relações de cotidiano e o reflexo gerado nas estruturas escolares.

No primeiro momento deve-se analisar a formação de uma sociedade capitalista de uma maneira simples, porém necessária para se entender como ela acaba por adentrar as paredes de uma instituição escolar se apropriando desta estrutura.

Para compreender toda ou qualquer estrutura social deve-se voltar os olhos para, como determinada sociedade produz sua própria vida, ou seja, como se dão as relações de trabalho numa determinada estrutura social.

Nada mais justo do que se fazer entender o que é trabalho, sua exploração e a mercadoria que é o produto finalizado, a grande causadora da exploração dos assalariados com fins totalmente lucrativos pelos capitalistas.

Com relação a educação, cada sociedade assume características específicas e distintas das demais formas em que assume em outras sociedades. Em uma sociedade capitalista, a educação atua de uma forma específica ligada a formas sociais burguesas. Somente com o aprofundamento do modo capitalista de educação é que se pode entender melhor estas formas sociais. Portanto, será analisada uma abordagem marxista do modo de educação.

A Estrutura Social Capitalista.

Segundo Marx, trabalho seria uma transformação da natureza com projeto e intenção. Ele defende que o Homem seria o único ser capaz de primeiro projetar o que quer realizar, para somente depois concluir o seu projeto. Na sua obra, explica que:

"Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste, existiu na imaginação do trabalhador, portanto, idealmente". (Marx.1985, p.149).

É exatamente com a exploração do tempo de trabalho gasto para fazer uma mercadoria que o proletariado é explorado pelos capitalistas para a obtenção de acúmulos de riquezas, ou seja, o lucro.

Pode ser citado, como exemplo a jornada de trabalho que era cumprida pelo trabalhador antes da Revolução Industrial. Ele tinha que trabalhar de dez a doze horas por dia, sendo que nas primeiras horas trabalhadas ele já produzia o suficiente para que o empregador pudesse pagar o seu salário, sendo que o restante da produção era tudo lucro do empregador. Numa sociedade onde a mercadoria é tão importante, nada mais justo do que tentar explicá-la. No livro "O Capital", Marx relata que:

"a mercadoria é, antes de tudo um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas

necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa." (Marx, 1985, p.45).

Marx se refere à mercadoria como sendo a menor célula de uma sociedade capitalista, ou seja, é a mercadoria que constitui toda sociedade, assim como a célula constitui o corpo humano. A apropriação da mercadoria para o trabalhador assalariado é a sua grande problemática, pois se é ela que o mantém vivo, é ela também que o destrói por sua dificuldade em ser adquirida.

Segundo Marx, as mercadorias possuem valores de Troca e de Uso, sendo necessário que a primeira deva ter potencial para ser trocada com outra mercadoria, ou seja, ela tem que ter utilidade para ser trocada, e que a segunda tenha utilidade para o consumo do próprio indivíduo, satisfazendo as suas necessidades diárias de sobrevivência. Para compreender melhor esses dois valores, deve-se ter clareza de com qual finalidade a mercadoria foi produzida.

Segundo Marx, a mercadoria poderia ser avaliada pelo tempo de trabalho utilizado para a concretização da transformação da natureza em mercadoria. Portanto, se um indivíduo demora dez dias para produzir uma mercadoria, essa mercadoria valerá o dobro de outra que tenha demorado apenas cinco dias para ser produzida.

Para que não ocorresse confusão com relação ao tempo de trabalho gasto para a produção da mercadoria, vale salientar que se o indivíduo produzisse com lentidão sua mercadoria para a valorização dela, sempre haveria outro indivíduo produzindo a mesma mercadoria em menor tempo e, consequentemente, com valor inferior ao do primeiro. Portanto parece óbvio que os produtores tinham que ter sempre o interesse em produzir em menor tempo possível, para baratear a mercadoria com o objetivo de atrair outros mercadores para realizarem suas trocas.

Outro fator com relação ao valor da mercadoria segundo Marx, é que ela teria sempre o mesmo valor, desde que o tempo de produção não fosse alterado por intermédio de qualquer circunstância. Portanto, se a Ciência evolui proporcionando tecnologia mais avançada causando uma diminuição no tempo de trabalho para se produzir uma determinada mercadoria, ou se, o trabalhador adquirir uma maior habilidade conseguindo também reduzir o tempo de trabalho de produção, fica claro que esta suposta mercadoria terá seu valor diminuído:

"A grandeza de valor de uma mercadoria permaneceria, portanto, constante, caso permanecesse também constante o tempo de trabalho necessário para sua produção. Este muda, porém, com cada mudança na força produtiva de trabalho (...) pelo grau médio de habilidade dos trabalhadores, o nível de desenvolvimento da ciência e sua aplicabilidade tecnológica (...)". (Marx, 1985, p.48).

Devido à Revolução Industrial, a jornada de trabalho diminuiu causando preocupação aos capitalistas, pois com as horas trabalhadas diminuindo, com certeza diminuía também o seu lucro.

A saída que os capitalistas encontraram foi à criação da linha de montagem. Já com a linha de montagem, o trabalhador fica responsável de produzir apenas uma parte que compõe à mercadoria. Na concepção de Marx:

"É desde logo claro que um trabalhador, o qual executa a sua vida inteira uma única operação simples, transforma todo o seu corpo em órgão automático unilateral dessa operação e, portanto, necessita para ela menos tempo que o artífice, que executa alternadamente toda uma série de operações. O trabalhador coletivo combinado, que constitui o mecanismo vivo da manufatura, compõe-se, porém apenas de tais trabalhadores parciais unilaterais. Em comparação com o ofício autônomo produz por isso mais em menos tempo ou eleva a força produtiva do trabalho." (Marx, 1985, p.269).

Antes da criação da linha de montagem, os trabalhadores produziam a mercadoria desde a sua extração da natureza até o acabamento, tornando-o de certa forma um artista, ou pelo menos um dos poucos que sabe produzir totalmente aquela determinada mercadoria. Com a linha de montagem, esse mesmo trabalhador é agora responsável somente por uma parte da fabricação dessa mercadoria, sendo que se ele causar problemas de qualquer natureza, agora é bem mais fácil dispensálo e colocar outro em seu lugar, pois o outro trabalhador poderá aprender rapidamente o serviço, por ser bem mais fácil de ser realizado do que se tivesse de produzir a mercadoria totalmente.

É esse aspecto da desvalorização humana que o capitalista aproveita para enriquecer cada vez mais. O trabalhador agora não é mais um artista que criava desde a matéria-prima até o objeto ser finalizado. Agora ele é apenas um operário, que só sabe fazer uma parte da mercadoria.

Esse processo faz com que o próprio trabalhador menospreze o seu trabalho e, conseguentemente, chegue até a sua própria negação como Homem. A manufatura propriamente dita não só submete ao comando e à disciplina do capital o trabalhador antes autônomo, mas cria também uma graduação hierárquica entre os próprios trabalhadores. Enquanto a cooperação simples em geral não modifica o modo de trabalho do indivíduo, a manufatura o revoluciona pela base e se apodera da força individual de trabalho em suas raízes.

O trabalhador torna-se agora uma

pessoa completamente alienada, fazendo simplesmente o que lhe mandam. O fruto dessa alienação é que esse indivíduo, agora, não mais se utiliza da mercadoria para viver melhor, mas sim vive em função de adquiri-la para que possa sobreviver.

Quanto mais a pessoa possui ou aparenta possuir, melhor será o tratamento que receberá da sociedade, enquanto que, quanto menos riqueza a pessoa possuir, mais discriminada ela será por quase todos os setores da sociedade, portanto, se o indivíduo é discriminado socialmente pelo o que ele possui, sendo submetido muitas vezes a passar por situações constrangedoras e desagradáveis, nada mais lógico do que ele se esforçar ainda mais para conseguir comprar um tênis famoso, artigos esportivos de marcas reconhecidas mundialmente ou até mesmo a camisa oficial de seu clube predileto, nem que seja somente para jogar uma partida de futebol totalmente informal com amigos em um final de semana.

Frequentar o mesmo local com vestimentas mais simples, mais baratas, seria fugir do padrão imposto pela sociedade, o que iria causar a esse indivíduo um malestar e um sentimento de inferioridade perante as outras pessoas.

Segundo Harvey, 2003, p. 148: "as modas receberam especial atenção e foram pensados artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural"

Trata-se de uma sociedade onde, as pessoas "valem pelo que possuem", dessa maneira possuir mercadorias passa a ser o objetivo principal de qualquer indivíduo.

As mercadorias tomam vida e as pessoas se coisificam.

O Capitalismo Na Educação

Em uma abordagem marxista do modo de educação, podemos dizer que a sociabilidade é um conjunto das relações sociais instituídas pelo modo de produção capitalista que formam a vida cotidiana das pessoas.

Um dos aspectos do capitalismo é a competição social, processo pela qual ocorre uma ampla concorrência entre os trabalhadores em geral, sempre à procura de melhores condições e salários. Esta competição se reproduz por toda a sociedade, e na educação não é diferente. Alguns exemplos destas competições seriam os vestibulares, os concursos públicos e as eleições.

Na educação escolar ocorre uma socialização formal, ou seja, as escolas são burocráticas e controladas pelo Estado com o intuito de adequação dos jovens à sociedade capitalista. É ensinado aos educandos em sua maioria apenas o básico, adquirindo assim condições de ingresso ao mercado de trabalho em um âmbito bem baixo de qualificação. Já no ensino técnico e superior, ocorre um aprofundamento nos estudos para que se tornem mão de obra mais especializada e com uma maior responsabilidade social.

Um exemplo desse controle: entre 1993 e 1996 foi realizado a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, que foi apontado por Gabriela Rizo que constitui:

Como um documento emblemático pelo fato de pretender tornar-se um marco diretivo para todo um século, concentrando em si as bases da ideologia de um projeto educativo que visa formar certo tipo de ser humano adequado ao século XXI" (RIZO, 2010, p. 56).

Delórs, (1996, p. 89-90), apresenta o relatório que coloca a sociedade na seguinte maneira - para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento.

Um pensamento que induz Tragtenberg a definir que:

"A escola não cria a divisão em classes, mas contribui para essa divisão e reprodução ampliada. A reprodução ampliada das classes sociais comporta alguns aspectos:

a) a reprodução ampliada dos lugares que ocupam os agentes. Estes lugares designam a determinação da estrutura sobre a divisão social do trabalho; b) a reprodução (distribuição) dos próprios agentes entre estes lugares. Aí intervém ativamente na reprodução dos lugares das classes sociais. Há uma reprodução das classes sociais e pela oposição de classes, onde se move a reprodução ampliada da estrutura, inclusive das relações de produção que preside o funcionamento dos aparelhos ideológicos; [...] c) trata-se de uma distribuição primeira dos agentes, ligada à reprodução primeira dos lugares das classes sociais: é ela que designa para este ou aquele aparelho, para esta ou aquela série entre eles, e segundo as etapas e as fases da formação social, o papel respectivo que eles assumem na distribuição dos agentes" (TRAGTENBERG, 1990, p. 44).

Para Kawamura: "o conteúdo tecnicista da educação influi na reorientação da formação do professor, cuja prática profissional torna-se eminentemente técnica". (1990, p. 44). Segundo a autora, a educação tecnicista tenta acompanhar os avanços do capitalismo, gerando desorganização nas escolas públicas com o objetivo de atender aos interesses da sociedade capitalista.

Para Gramsci os níveis de exclusão podem ser ainda mais elevados sobre as classes menos abastadas: